

“Manobras” para renovar cidade velha

Porto Projecto visa ligar em rede toda a produção cultural e as instituições



LEONEL DE CASTRO / ARQUIVO IN

Ligação da cidade ao Douro enche o projecto de terminologia portuária e náutica

PEDRO OLAVO SIMÕES
psimoes@jn.pt

Não será apenas na última semana de Setembro que o Porto estará “em manobras”. Já está, se atendermos à duração de um projecto que visa, de forma simplesmente complexa, mobilizar a cidade para um furacão cultural no centro histórico. Para criar frutos.

Podemos dizer que o projecto “Manobras no Porto”, assente na plataforma Porto 2.0, orçado em dois milhões de euros e financiado em 80% por fundos comunitários, visa pôr toda a cidade, da maior instituição cultural ao mais obscuro dos criadores artísticos a

trabalhar em rede e a dinamizar o centro histórico, na última semana de Setembro. Não é mentira, mas também não explica muito: a ideia de revitalizar toda uma cidade é demasiado complexa.

Carlos Martins, director do projecto, fala em resgatar “muito do património que já lá está, não nos edifícios, mas nas pessoas”. Refere-se à complexa área que é a zona classificada pela UNESCO, e à necessidade de combater a crescente perda de memória da cidade: “Não se pode ser contemporâneo sem se perceber de onde se vem, não se pode produzir de forma inovadora se não se perceber o que nos torna diferentes”.

Pôr artesãos a trabalhar com designers, abrir as portas a jovens artistas que, embora brilhantes na vida estudantil, perdem-se no mundo real, promover o encontro entre cidadãos e entre estes e as instituições, estimular o comércio e envolvê-lo, valorizar a gastronomia... a lista não pára, pois não há limites às candidaturas, a apresentar, até 17 do corrente, no site www.manobrasnoporto.pt.

Esperam os promotores “promover conhecimento novo sobre a cidade e a forma de a transformar”. “Não queremos fazer um projecto deprimido e pessimista, mas sim no sentido de elevar o nível e a qualidade das coisas”.

Desenvolvido o Porto em contacto íntimo com o rio, ligação ao país e ao mundo, ou seja, porta aberta à percepção do outro e do mundo, são termos portuários que dão forma ao projecto: há as âncoras (praças onde decorrerão os maiores eventos), os contentores (espaços onde haverá actividades de menor dimensão) e os canais (as ruas que ligam uns a outros, plenas de actividades).

O que importa, mais do que a animação pontual ou a riqueza artística, é o próprio processo. Quem os organizadores que a plataforma Porto 2.0 permaneça para lá do projecto, de dois anos, pois os contactos entre os vários agentes, a cooperação e a perspectiva multidisciplinar da programação cultural são os frutos a colher. ■

➔ Semana frenética

24

GRANDES EVENTOS

São 24 os grandes eventos, ao que se soma uma centena de actividades, além de mais de cem workshops.

5000

ALUNOS ENVOLVIDOS

Envolver estudantes de todos os níveis é uma prioridade, incluindo os os alunos de mobilidade, estrangeiros, que estiverem na cidade.

Flash

CARLOS MARTINS
DIRECTOR EXECUTIVO
DO PROJECTO
"MANOBRAS
NO PORTO"

Já foi vereador da cultura em Santa Maria da Feira, desenvolve trabalho na área das indústrias criativas, foi gestor do projecto que levará Guimarães a ser capital europeia da cultura no ano que vem. E é o epicentro desta aposta de dinamização do Porto.



"Tornar o centro histórico mais apetecível"

Como nasce esta ideia?

Há uma necessidade de fazer de forma diferente intervenção nas cidades: convocar à participação, que hoje faz-se cada vez mais em colaboração, de forma aberta, e menos numa lógica de alguém que programa coisas para os outros verem. É uma operação diferente: não é um festival anual, mas um conjunto de acções, que vão acontecer durante mais de dois anos e tentam demonstrar que a regeneração e requalificação das cidades podem ser feitas a partir dos recursos que já lá estão.

Como enquadra essas acções na requalificação do centro histórico?

Há várias dimensões que fazem de uma cidade um bom sítio para viver: ser limpa, verde, amigável, segura, ter habitação em quantidade e em qualidade, empregos... mas também a capacidade de manter os seus talentos, indústrias criativas e artistas, de ter uma dinâmica de produção própria. Isso também é um factor importante, e acreditamos que pode contaminar os outros.

Há um problema de despovoamento. Não será essa a prioridade?

Este projecto não visa substituir-se

às outras instituições, que têm essa responsabilidade, mas acreditamos que a parceria com a Porto Vivo faz com que muitas acções que estejam a ser desenvolvidas em termos de intervenção física passem a ter também uma dimensão imaterial. Não acreditamos que é possível, simplesmente, recuperar os edifícios e, como num toque de magia, eles passarem a ser habitados e vividos, porque é necessário criar também, à sua volta, um contexto que torne interessante viver no centro histórico. É um programa sem programa, certo? Não temos nenhuma ideia nem queremos ter nenhuma opção artística. Queremos criar hipóteses para que as pessoas tragam as suas ideias. Quando abrimos as primeiras convocatórias, não tínhamos ideia nenhuma do que podia surgir, mas surgia aquilo que a cidade é: o que tem de bom, de dúvidas, de hesitações, as suas perplexidades mas também as suas ambições, as suas utopias, e é essa cidade que muitas vezes se esconde no dia a dia.

Acredita que todo este trabalho terá visibilidade?

Em Setembro de 2012 haverá um novo ciclo de programação, e aí, sim, muito deste esforço de dois anos vai ser visível. Não queremos fazer um mega-evento que leva centenas de milhares de pessoas para a rua, mas queremos convocar o cidadão anónimo. Não é um projecto elitista e erudito: temos de campeonatos de sameira até artistas que estão a fazer doutoramento em artes plásticas.